

# Ensino de antropologia audiovisual durante o período da pandemia de covid-19

**Lisabete Coradini<sup>1</sup>**

## Apresentação

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer.”*

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 28).

*O “mundo” das imagens não rejeita o mundo da lógica, muito pelo contrário. Mas joga com ele.*

Georges Didi-Huberman (2013, p. 188)

---

1 Meu profundo agradecimento aos estagiários Arthur Lima, Sérgio Gabriel Baena Chêne e Ana Kélia de Souza Viana Kevna, mestrandos(as) em Antropologia (PPGAS/UFRN). Agradeço aos alunos e às alunas pela solidariedade e pelo compromisso ético-político-poético com esse artigo.

Este texto é uma reflexão acerca da minha prática docente durante a pandemia com foco na disciplina “antropologia e imagem”, ministrada para o curso de graduação em Ciências Sociais e na disciplina “antropologia e imagem”, ministrada na pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Apresento as estratégias adotadas, formato de aulas síncronas e assíncronas, plano de aula, metodologia e avaliação. Destaco o estímulo dedicado à produção audiovisual e aos processos de criação das e dos estudantes matriculados(as) nessas disciplinas. Os referenciais teóricos aqui citados apontam para os campos de pesquisa dos estudos da imagem, da cidade, autobiográficos e decoloniais. Concluo retomando a importância dos fluxos transformadores na sala de aula e da reflexão sobre uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade. Dito isso, reafirmo minha esperança na educação compartilhada e colaborativa com ênfase em práticas e recursos visuais e audiovisuais.

Desde março de 2020, o mundo está mergulhado em novos desafios, buscando respostas para essa nova realidade que surgiu com a pandemia. Para alguns autores, estamos vivendo em um mundo novo ou um novo normal. Ainda passaremos muito tempo tentando compreender as adaptações que fomos forçados a fazer no campo familiar, profissional, educacional e na vida em sociedade.

Os primeiros registros sobre o coronavírus na imprensa brasileira ocorreram no fim da primeira quinzena de janeiro de 2020. Essa pandemia provocou a chegada de novas vacinas, teletrabalho, ensino remoto, novas formas de nos relacionarmos, distanciamentos sociais, restrições de circulação e mudanças nos hábitos de higiene. Nessa nossa nova realidade, uma parcela significativa das famílias permaneceu em casa – trabalhando e estudando.

No Brasil, durante esse período, vivenciamos a falta de uma política prioritária para a sociedade brasileira e o descaso com medidas efetivas, o que contribuiu para o aumento do número de mortos, bem como o atraso na compra das vacinas, por exemplo.

Por outro lado, redes de solidariedade e novas pesquisas na área da saúde e ciência contribuíram para o avanço do conhecimento científico sobre a covid-19, com o compromisso de fazer o certo, para responder ao medo e à ignorância sobre a doença que ameaçava (e ainda ameaça) todos nós.

É importante ressaltar que, nesse período, a universidade pública, além dos ataques sistemáticos que já vinha sofrendo, passou por novos cortes de bolsas na pós-graduação e perda de apoio para a realização de projetos de pesquisa e de extensão. Docentes, discentes e servidores foram impactados por essa nova realidade e apresentaram uma série de sintomas, como ansiedade, nervosismo e problemas de sono durante a pandemia da covid-19.

No que se refere à educação, a crise causada pela covid-19, em 2020, levou ao encerramento das aulas em escolas e universidades, o que afetou mais de 90% dos estudantes do mundo, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020).

Com o avanço da pandemia da covid-19, em diversos países, inclusive no Brasil, as instituições de ensino tiveram que pausar suas atividades presenciais, mas encontraram outras saídas para essa nova realidade.

Dentro desse contexto, nós, docentes e pesquisadores, continuamos produzindo, readaptamos calendários escolares, discutimos os desafios, de forma coletiva, em departamentos e colegiados e construímos estratégias para driblar os obstáculos encontrados, como a falta de equipamentos adequados, a adaptação do trabalho em casa, dificuldade de acesso à internet, entre outros.

Na minha experiência, tentei me aproximar da noção de metodologia ativa, desenvolvendo práticas educacionais que enfatizassem o fazer audiovisual.

O primeiro desafio foi a construção de uma nova proposta de ensino para as disciplinas da graduação e pós-graduação em situação emergencial. Uma proposta que atendesse às demandas urgentes colocadas pela pandemia e que pudesse conceder respostas rápidas e eficazes a essa nova

situação. Ou seja, como construir um espaço acolhedor via “telinhas” de computador. Esse desafio envolve criação de estratégias metodológicas, das formas de fazer, o “saber-fazer”, que somente seria possível mediante o acesso aos recursos, às mídias e aos suportes disponíveis.

É bom ressaltar que ensinar remotamente não é sinônimo de ensinar a distância, embora esteja diretamente relacionado ao uso de tecnologia; nesse caso, ao meio digital. Do ponto de vista didático, o(a) professor/a, ao ensinar remotamente, enfrenta o mesmo desafio do ensino convencional, em sala de aula presencial.

Diante dessa nova realidade, foi preciso: a) entender o que é ensinar remotamente, b) compreender as minhas habilidades para essa prática, c) encontrar novas estratégias metodológicas, d) ter ciência dos recursos, das mídias e dos suportes disponíveis e, por fim, f) compreender a real situação dos alunos e das alunas.

Dentro desse contexto, busquei apoio em vários cursos on-line oferecidos pela UFRN, via AVAPROGESP, entre eles: “docência e elaboração de materiais didáticos em cursos mediados pela tecnologia”; “educação mediada pela tecnologia”; “introdução à metodologia ativa”; “gestão do tempo e ferramentas assíncronas da turma virtual”. Todos esses cursos auxiliaram na apresentação do conteúdo, no uso dos recursos e ferramentas, bem como no uso de aplicativos, mídias e meios tecnológicos<sup>2</sup>.

Ensinar remotamente permite o compartilhamento de conteúdos escolares em aulas organizadas por meio de perfis [ambientes controlados por *login* e senha] criados em plataformas de ensino, por exemplo, SIGAA e MOODLE, e aplicativos como *Hangouts*, *Meet*, *Zoom* ou redes sociais (*WhatsApp*).

Em 2005, a UFRN implantou o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Ações Acadêmicas). Essa ferramenta auxilia e simplifica, para o docente,

---

2 AVAPROGESP é o ambiente virtual de aprendizagem para as ações de desenvolvimento ofertadas pela DCEP/DDP aos servidores ativos da UFRN. Maiores informações em: <https://avaprogesp.sedis.ufrn.br/>.

o preenchimento de avaliação, frequência, plano de aula, entre outras atividades. Para o discente, facilita o acesso às informações das turmas, disciplinas e atividades de sala de aulas<sup>3</sup>. O SIGAA oferece relatórios de acesso a diferentes atividades. É possível acompanhar o comportamento do aluno na página da disciplina [sala de aula virtual], a participação por meio das ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona e o cumprimento de prazos.

O SIGAA, por um lado, simplifica a vida do docente e discente; por outro, pode “engessar” movimentos mais criativos. Nesse contexto, era preciso pensar numa pedagogia que mobilizasse o pensar, o fazer e o agir no mundo, articulado às formas do bem-viver e ao cuidado de si e do outro.

Dar aula durante o período de quarentena não foi fácil. A quarentena e o isolamento social não aconteceram da mesma maneira para todas as pessoas; nem todos vivenciaram do mesmo modo. A pandemia da covid-19 é eminentemente social e incidiu de forma diferente na vida e nas subjetividades da população brasileira.

Assim, além dos cursos sobre metodologias ativas, já citados, procurei estar atenta e forte para aprender a ver e sentir outras propostas de ensino com imagens, como: “Entre imagens com arte e autobiografia” com Manoela dos Anjos Afonso<sup>3</sup>(2021); “Fotobiografia” com Fabiana Bruno (2019); Tim Ingold (2012), Conceição Evaristo (2007) “Etnografia audiovisual compartilhada” com José Ribeiro (grupo de pesquisa “Ao Norte e Entre Imagens Portugal Brasil”) e curso de “Biografia” da profa. Elsa Echner, da Universidade de Coimbra.

Por isso, na sala de aula, criei um espaço para exercitar a reflexão e, ao mesmo tempo, praticar os conteúdos sobre etnografias audiovisuais participativas, escrita de si e do outro e fotobiografia. Procurei divulgar

---

3 O Sigaa é um dos projetos estratégicos do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRN nas áreas da Tecnologia da Informação e da Comunicação. Atualmente, é um ecossistema que mobiliza mais de mil desenvolvedores em todo o país. Disponível em: <https://www.ct.ufrn.br/ufrn-recebe-homenagem-pela-criacao-de-sistema-de-gestao/>.

boas práticas que já vinha adquirindo nos projetos de pesquisa e extensão em andamento.

Os projetos de pesquisa e extensão que coordeno no grupo de pesquisa NAVIS (Núcleo de Antropologia Visual) também adquiriram novas perspectivas. Passamos a nos perguntar de que maneira pensar, então, a exequibilidade de nosso projeto, que antes compreendia uma etnografia em contextos urbanos, caminhadas com a câmera na mão, e entrevistas com os sujeitos em seus espaços de trocas e convivência.

Esforçamo-nos por discutir e mapear, com um olhar crítico e sensível, experiências na cidade de Natal/RN/, em especial aquela transmitida e consolidada pelos registros e acervos visuais digitais, construídos por páginas no *Facebook* e *blogs* como “Natal Como Te Amo” e “Natal de antigamente”.

Na emergência de reconfigurar nossa metodologia de pesquisa desenvolvida no NAVIS, passamos a realizar encontros on-line, por meio de *lives* e orientamos nosso fazer científico na direção de nos estabelecermos num campo digital. Criamos um perfil no *Instagram* “@NAVIS\_UFRN”, no qual passamos a divulgar nossa produção para a comunidade em geral e também um canal no *YouTube* “NAVIS\_UFRN”, no qual realizamos eventos com o intuito de construir e fortalecer uma série de temáticas ligadas à cidade, a imagens e à educação, pois acreditamos na antropologia pública e em novas maneiras de fazer divulgação científica.

Durante a pandemia, no ano de 2020, aceitamos o desafio de organizar um evento on-line, a 18ª semana de Antropologia, com o tema: “O fazer audiovisual na contemporaneidade”, que aconteceu nos dias 5 a 9 de outubro de 2020. A seguir, cartaz referente à roda de conversa:



Figura 1: cartaz semana de antropologia PPGAS/UFRN/2020, Instagram

Em 2021, realizamos o seminário “Imagem, sonoridades e sensorialidade” com o objetivo de promover uma série de seminários, oficinas, rodas de conversa, *podcasts* e mesas redondas, além de comemorar, ao longo do ano de 2021 e no começo de 2022, os 20 anos do NAVIS. O conjunto desses eventos objetivou construir um espaço de diálogo, exercício e formação para estudantes e pesquisadores associados ao NAVIS, ao mesmo tempo em que estende esse lugar para a comunidade externa interessada na discussão sobre imagem e sociedade.

Vale assinalar aqui a homenagem prestada a profa. Anita Queiroz Monteiro, durante a 19ª Semana de Antropologia, com quem tive a honra de compartilhar conhecimentos, afetos, desafios e inquietações<sup>4</sup>. Anita Queiroz, durante muitos anos, ministrou oficinas, aulas e coordenou um projeto de extensão sobre o uso da imagem na pesquisa social. Uma homenagem merecida a uma entusiasta das imagens, que também foi

4 Anita Queiroz Monteiro graduou-se em Ciências Sociais em 1969, realizou seu mestrado em Antropologia na USP, de 1974 a 1978, defendendo sua dissertação em 1978, com supervisão de João Batista Andrade, com tema “Castainho, etnografia de um bairro rural de negros”, comunidade quilombola no interior de Pernambuco. Sua dissertação foi publicada em formato de livro. Ingressou na UFRN em 1981 e aposentou-se em 2009.

responsável pela criação do Departamento de Antropologia. Em 2001, fundamos o NAVIS, para dar continuidade à linha de pesquisa instituída pelo prof. Etienne Samain, nos anos 1980, na UFRN.



*Figura 2: 20 anos navis /Homenagem Anita Queiroz Monteiro*

Nos anos de 2022 e 2021, também organizamos no formato on-line os I e II Festival de Filmes Etnográficos Latino-Americano, com coordenação de Gilmar Santana (PGCS/UFRN) e Lisabete Coradini (PPGAS/UFRN), e as I e II Mostra Digital de Ensaios Fotográficos, sob a coordenação de José Duarte Junior (IFRN) e Arthur Lima (PPGAS/UFRN), com a participação ativa de todos os participantes do NAVIS<sup>5</sup>.

---

5 Agradeço aos membros do NAVIS, mestrandos e doutorandos, Sérgio Gabriel Baena Chêne, João Eliobergue, Marília Melo, Alejandro Escobar, Pablo Pinheiro, Alex Hermes, João Oliveira, Ysmael Souza e Deyse Brandão.





*Figura 3: Cartaz Mostra Filmes*



*Figura 4: Cartaz Mostra Ensaaios Visuais*

Em 2021, realizamos o seminário “Imagem e Educação”, coordenado por Gilmar Santana (NAVIS/PPGCS/UFRN), resultado do seu projeto de pesquisa “Imagem e ensino de sociologia”.

*webinário*  
**IMAGEM E EDUCAÇÃO**  
**PERSPECTIVAS DIALÓGICAS**  
**NAS HUMANIDADES**

**06/04**

**MESA 1 - 15h**

**A imagem e suas apropriações**

Gilmar Santana (DCS/NAVIS - UFRN)  
 Lisabete Coradini (DAN/NAVIS - UFRN)  
 Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha (CEPAE - UFG)

**ABERTURA - 15h**

**COORDENAÇÃO**  
 Gilmar Santana (DCS/NAVIS - UFRN)

**REALIZAÇÃO**  
 NAVIS PROX

**Transmissão via canal do NAVIS no YouTube**

**INSCRIÇÕES:**  
**SIGAA UFRN eventos**

**APOIO**  
 PRODESQ UFRN CS DAN UFRN COLETA UFRN

Figura 5: Webinar “Imagem e Educação”

*webinário*  
**IMAGEM E EDUCAÇÃO**  
**PERSPECTIVAS DIALÓGICAS**  
**NAS HUMANIDADES**

**06/04**

**MESA 2 - 18h**

**Imagem na trajetória da educação**

Gilmar Santana (DCS/NAVIS - UFRN)  
 Maria Ângela Pavan (DECOM - UFRN)  
 Sandro da Silva Cordeiro (NEI - UFG)

**COORDENAÇÃO**  
 Gilmar Santana (DCS/NAVIS - UFRN)

**REALIZAÇÃO**  
 NAVIS PROX

**Transmissão via canal do NAVIS no YouTube**

**INSCRIÇÕES:**  
**SIGAA UFRN eventos**

**APOIO**  
 PRODESQ UFRN CS DAN UFRN COLETA UFRN

Figura 6: Webinar “Imagem e Educação”



Figura 7: Webinar “Imagem e Educação”



Figura 8: Webinar “Imagem e Educação”

Em 2021, preocupados com os processos artísticos durante a pandemia, organizamos duas mesas redondas, cujo objetivo era compreender como as intervenções artísticas estavam acontecendo durante a pandemia e entender o processo de criação enquanto estávamos restritos à vida on-line. As mesas abordaram as novas metodologias adotadas pelo grupo de *urban sketchers* e *Gaya Dança Contemporânea* em razão da pandemia da covid-19.

O Gaya Dança Contemporânea criou o vídeodança, para a manutenção e divulgação de repertórios produzidos em casa e, posteriormente, da criação da série em vídeodança, desenvolvida de forma colaborativa/criativa com cerca de 18 intérpretes-criadores. Já os *urban sketchers* mudaram o cenário da rua para a tela de computador.

imagem  
sonoridades  
sensorialidades

RODA DE CONVERSA  
**ARTE E PANDEMIA**  
GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA

Andrezza Vicente  
GAYA - DEART/UFRN

Kenne Felipe  
GAYA - DEART/UFRN

Olivia Macedo  
GAYA - DEART/UFRN

Sara Azevedo  
GAYA - DEART/UFRN

Coordenação  
Marília Melo PPGAS - NAVIS

Acompanhe pelo Canal do NAVIS no YouTube  
[www.youtube.com/c/NAVISUFRN](http://www.youtube.com/c/NAVISUFRN)

Realização  
UFRN (CNPq) (FINEP) 20 ANOS NAVIS

20 de julho | 15h

Arte do Cartaz: Arthur Lima

Figura 9: Arte e dança na pandemia

imagem  
sonoridades  
sensorialidades

RODA DE CONVERSA  
**ARTE E PANDEMIA**

José Clewton do Nascimento  
PPGAU - PPAPMA/UFRN  
USK - Urban Sketchers Natal

Erre Rodrigo  
Artista Potiguar  
Coletivo MAR - Movimento Arte de Rua

Coordenação  
Emanoel Aquila PPGAS - NAVIS  
Laila Patrícia PPGAS - NAVIS

Acompanhe pelo Canal do NAVIS no YouTube  
[www.youtube.com/c/NAVISUFRN](http://www.youtube.com/c/NAVISUFRN)

Realização  
UFRN (CNPq) (FINEP) 20 ANOS NAVIS

23 de julho | 15h

Arte do Cartaz: Arthur Lima  
Ilustração: Emanoel Aquila

Figura 10: Antropologia e arte de rua na pandemia

## As experiências vividas em sala de aula

Enquanto escrevia este artigo, debruicei-me, com mais calma, sobre todos os trabalhos dos alunos, desde os primeiros, mais próximos à cidade, sobre a situação dos artistas de rua, o trabalho informal, a uberização, a produção de lixo descartável, a violência doméstica, bem como sobre o autocuidado. Revejo uma vez mais os ensaios fotográficos. Penso em reuni-los em uma revista. Neste artigo, irei privilegiar as produções visuais que falam de si, do cuidar de si e cuidar do outro.

Durante os anos de 2020 e 2021, ministrei as seguintes disciplinas: “antropologia urbana”, “cultura brasileira”, “antropologia e imagem” e “estudos em comunidades” no curso de graduação em Ciências Sociais, e as disciplinas “antropologia e imagem” e “seminário doutoral” (semestre curricular e semestre extracurricular), na pós-graduação em antropologia social da UFRN.

As aulas aconteceram de forma sincrônica e assíncrona, ou seja, as aulas sincrônicas através de aulas teóricas e discussão de texto com os alunos utilizando a plataforma de ensino SIGAA e o *Google Meets*, e as aulas assíncronas destinadas aos processos criativos. O grupo de *WhatsApp* funcionou bastante.

De modo geral, as reflexões apresentadas estavam relacionadas às nossas leituras na sala de aula e aos diversos modos de experiências de alunos e alunas relacionadas à pandemia da covid-19. As avaliações aconteceram no formato de roda de conversa com a apresentação das narrativas textuais/fotográficas/audiovisuais, permeadas pelos temas: memória, autobiografia, pandemia, cidade.

As imagens e palavras – apresentadas, ao longo deste artigo, em diferentes formatos, como diários gráficos, desenhos, colagens, ensaios fotográficos e vídeos de curta duração – foram produzidas em sala de aula e apresentadas para o grupo. Esses exercícios trazem informações importantes para a compreensão da pandemia. São experiências práticas que alunos

e alunas se dispuseram a exercitar, trazendo fragmentos da sua própria vida e temas que compõem suas existências.

Por exemplo, a narrativa autobiográfica criada por Lia Araújo, aluna do curso de Ciências Sociais:



Figura 11: Relato Lia Araújo

O Ensaio fotográfico “a Hora do Banho” de Marcone Soares Da Costa Junior, realizado na disciplina cultura brasileira, demonstra os desafios enfrentados na pandemia por uma parte significativa das famílias brasileiras<sup>6</sup>.

Na narrativa, criada por Dante Silva e Souza, em “Comer, Dormir, Obrar”, além de mostrar o seu cotidiano, revela a diversidade de perspectivas de trabalhos que permitem a exploração da criatividade, pensar-fazendo, entre as quais, o diário gráfico:

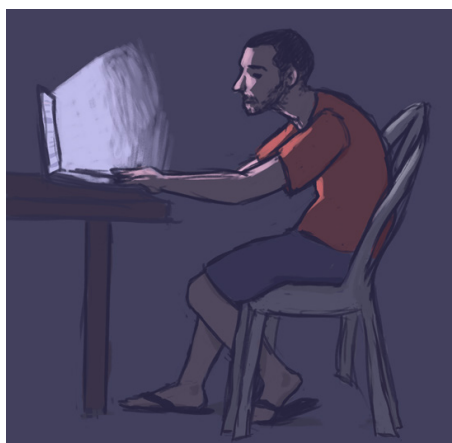


Figura 12: “Eu na tentativa de iniciar a escrita deste texto”



Figura 13: “[...] Nessa pintura digital, retrato (em paisagem) uma cena que ocorre muito nos meus dias: ao fazer algo na cama (o segundo lugar onde mais passo meu tempo), acabo adormecendo. Nesse caso, adormecendo depois de tocar violão, meu grande companheiro nas horas vagas (e não vagas)”

---

<sup>6</sup> Ver caderno de imagens, no final do artigo.

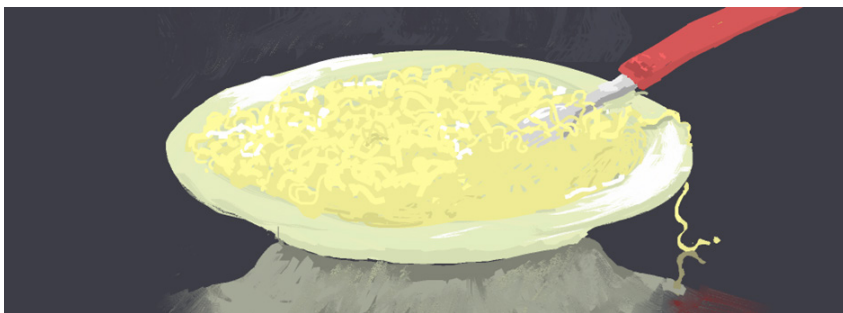


Figura 14: “E o miojo (representado nesta pintura) foi um aliado desta minha má alimentação [...]. Ao chegar ao fim deste texto, percebo que o caminho foi se tornando mais fácil conforme as coisas se encaixam. Com isso, finalmente poderei dormir com a mente mais tranquila, sabendo que consegui terminar um trabalho [...]”.

A aluna Keillany Martinho Maciel encontrou na colagem um formato para pensar-fazendo e, assim, apresentar sua vivência:

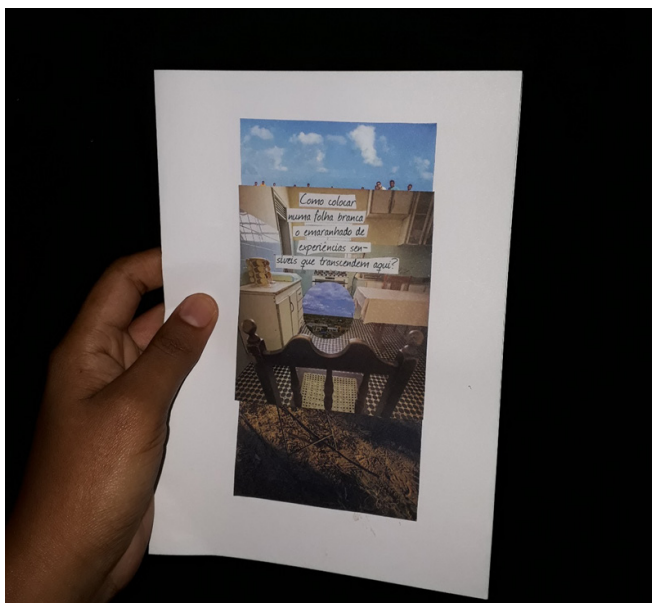


Figura 15: Como colocar numa folha em branco um emaranhado de experiências?



## Escrever-se

Na disciplina “Cultura Brasileira”, no segundo semestre de 2021, buscamos refletir sobre “Arte e Cultura” em tempos de isolamento. Afinal, como em tempos pandêmicos foi possível criar formas de democratização, alternativas e ampliar os códigos compartilhados criando intersecções entre raça, classe, gênero ou nação? Tomamos como referencial teórico a união de autores dos estudos da arte, como Jacques Aumont e as epistemologias do sul e do pensamento decolonial, de autores como Lélia Gonzales, Bell Hooks, Frantz Fanon, Djamilia Ribeiro e Nestor Garcia Canclini<sup>7</sup>.

A aluna Gabriela Gomes, na disciplina “Cultura Brasileira” do curso de graduação em artes visuais, ressaltou as inovações de espaços artísticos culturais em espaços virtuais. Destacou as diferentes formas de engajamento de artistas visuais não renomados que, através da palavra e das imagens, buscaram reagir positivamente ao confinamento e isolamento social motivados pela pandemia. Na ilustração seguinte, podemos ver o perfil “correio elegante”, @corre\_elegante, que consistia em presentear alguém por meio da encomenda de uma ilustração personalizada.



Figura 16: Instagram

7 Essa disciplina contou com a participação de Francisca Ingrid Aguiar Parente (PPGAS/UFRN) como estagiária docente.

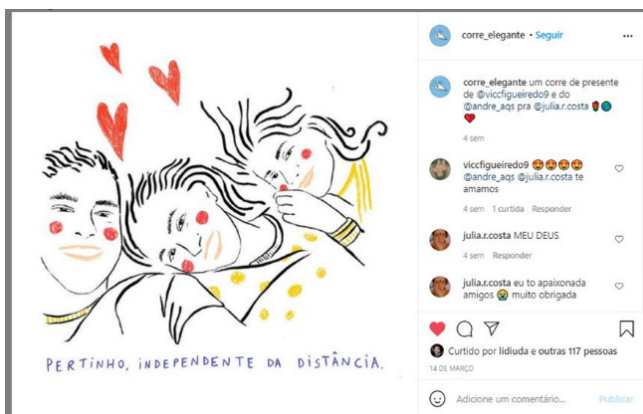


Figura 17: Instagram

O aluno Hicleiton Pedro da Silva apresentou uma série denominada “O Espaço Contido da Arte Expandida”, que demonstrou, por meio de um ensaio fotográfico, seu dia a dia e como o quarto se transformou num lugar de criação:

Este registro de imagens relaciona-se com meu espaço de trabalho, com a construção de algumas obras, destacando uma história em quadrinhos e um webquadrinho relacionado; durante o tempo de isolamento, este espaço, também era meu casulo de vida e mesmo dentro de um espaço maior da casa, era compelido a permanecer neste espaço delimitado, seja para acompanhar aulas, descansar ou se comunicar com o mundo exterior. Mesmo os dias quentes me empurravam para este espaço específico dentro de meu isolamento. (Hicleiton Pedro da Silva).

Na disciplina “Antropologia e Imagem” da graduação de ciências sociais, buscamos iniciar os alunos na leitura de imagens bem como na construção de textos de e com imagens. A gênese, a história, os trajetos e as agendas acadêmicas do visual, da imagem, da prática, da subjetividade e da intersubjetividade na etnografia – e no pensamento antropológico mais amplo – foram problematizados ao longo desse curso em suas dimensões epistemológicas, teórico-metodológicas e temáticas e discutidas através de

quadros históricos de apropriação técnica, política e estética das “Imagens e das Emoções” no discurso acadêmico<sup>8</sup>.

A partir de um referencial teórico que dialoga, sobretudo, com Benjamin, Didi-Huberman, Rancière Didi-Huberman, Sontag, Koury, Coradini, Ferraz e Bruno, alunos(as) construíram narrativas imagéticas em diálogo com a experiência pessoal e/ou familiar na pandemia, em questões, como: cotidiano, lazer e trabalho.

Como foi o caso de “De dentro pra fora”, de Liz Abrantes, que utilizou o desenho para demonstrar seu cotidiano:



Figura 18: De dentro pra fora

8 A disciplina contou com a participação do prof. Raoni Borges Barbosa (NAVIS/PPGAS/UFRN) e estágio docência do Sérgio Gabriel Baena Chêne (NAVIS/PPGAS/UFRN).

Seguindo a esteira de discussões sobre antropologia visual, mestrandos(as) e doutorandos(as) que cursaram a disciplina “Antropologia e Imagem”, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRN, produziram ensaios fotográficos, desenhos e colagens a partir dos seus processos de pesquisa. A tônica foi trabalhar com projetos em andamento a partir da preocupação/reflexão colocada pelos alunos(as) com relação à dificuldade de lidar com suas pesquisas e com o trabalho de campo em tempos pandêmicos. Para tanto, realizamos uma ampla discussão sobre o uso da imagem na pesquisa social. Afinal, como é possível analisar as realidades sociais através das imagens? Ou como diz Etienne Samain (2012), “como as imagens pensam?”.

Esse depoimento ilustra o foco dos trabalhos apresentados em sala de aula:

[...] Especialmente para mim, foi a oportunidade que há muito desejava, mas não sabia por onde começar – exercitar uma antropologia compartilhada/dialógica. Com encontros virtuais, conversas pelas redes sociais, telefonemas, mensagens virtuais, cocriação de projetos de sussa para a Lei Aldir Blanc, e, visitas e vivências cotidianas nas comunidades. Na busca pela a sussa encontramos outras categorias – gênero, corpo e território e podemos juntas CURAR, no sentido de curadoria, selecionar o que deve ser escrito/fotografado/filmado em favor das memórias coletivas e trajetórias das comunidades. Pesquisar a sussa nesse momento de pandemia em que todas as manifestações coletivas foram suspensas parecia um “balde de água fria”. Mas, aprendi que o corpo é também um território político, e fui no fluxo das comunidades num movimento bem diferente do tempo corrido das cidades. Aprendi, acho, a não ter pressa! Põe sua saia rodada, pega um instrumento e venha dançar, se movimentar pelas comunidades SUCEIRAS. (Lucinete Aparecida de Moraes, DIAGNÓSTICO ETNOVISUAL SOBRE A DANÇA SUSSA).

Por fim, a disciplina de “Antropologia Urbana”, insubordinadamente, passou a adquirir outra dinâmica em função da pandemia. A discussão

tomou outros rumos e versou sobre a utilização de entrevistas on-line, observação das interações nas diversas ferramentas comunicacionais, documentos digitais, diário de campo virtual e grupos de discussão on-line.<sup>9</sup> O objetivo foi lançar um olhar sobre as narrativas fotográficas e fílmicas, como cartografias audiovisuais e manifestos de trajetórias de vida, produzidas como resultado de tensões, marcas e vivências no cotidiano do espaço urbano para, em um segundo momento, refletir se a instituição do isolamento social é uma das medidas de planejamento, gestão e controle territorial mais adequadas ao que vivemos naquele momento.

Na sequência, algumas fotografias dos ensaios fotográficos de Dani Fontes e Saionara Jesus Dantas, que revelam algumas alternativas que ajudaram a contribuir para maior equilíbrio emocional, promovendo a redução dos efeitos negativos do confinamento, como ansiedade e estresse. Como também, a desinformação e o negacionismo:



Figura 19: Medidas necessárias Figura 20: Os doguinhos e as plantas

9 A disciplina contou com a participação do estagiário docente Arthur Lima (NAVIS/PPGAS/UFRN).



Figura 21: Máscaras Fora Bozo

Por fim, podemos observar como a arte é um ato de criação, resistência, de devir e sobrevivência em tempos pandêmicos:

## Conclusão

*Nós temos que fazer o futuro juntos, para nós mesmos. No entanto, isso só pode ser alcançado através do diálogo. A antropologia existe para expandir o escopo desse diálogo: para ter uma conversa sobre a própria vida. No entanto, não se pode dizer o mesmo da educação? A educação não compartilha as mesmas características definidoras de generosidade, abertura, comparação e criticidade? Não tem ela também o mesmo objetivo de garantir a continuidade da vida [...]. (INGOLD, 2020, p. 86).*

No âmbito deste artigo, o meu interesse foi refletir sobre um período em que salas de aulas se tornaram *Google Meets*, salas do *Zoom* e mensagens de texto. E, principalmente, realçar a possibilidade do pensar-fazendo, ou

seja, realizar exercícios práticos nas disciplinas oferecidas para os cursos de Graduação em Ciências Sociais e Pós-Graduação em Antropologia social da UFRN.

Atualmente o debate sobre as possibilidades do uso da imagem em sala de aula se tornou mais intenso. Nota-se o alargamento quanto às formas de investigação utilizadas na sala de aula, desde o ensino básico, passando pelo fundamental e universitário.

Nesse sentido, torna-se urgente, no ambiente universitário, novas metodologias e novos modos de fazer, de pensar na educação e na vida. No meu caso, a escrita de si emergiu, naquele momento, como uma escolha analítico-metodológica para apresentar as histórias de vida dos alunos e das alunas, das famílias, da cidade de Natal. Noções como memória, narrativas, biografia e testemunhos são convocadas para pensar essa prática. Fragmentos que compõem a existência foram ditos, como: decisões, famílias, viagens, silêncios, saudades, cuidados, morte, resistência, solidão, sociabilidades virtuais, isolamento, solidariedade.

Durante a pandemia, procurei aprender a ver e sentir outras propostas de ensino com imagens. A experiência da escrita de si foi uma ferramenta importante e tão bem-sucedida que pretendo dar continuidade e explorar, cada vez mais, aspectos particulares de “experiências de subjetivação” em sala de aula. Como nos ensina Annie Ernaux (2021), é preciso narrar aspectos e fatos acontecidos, vivenciados, mas sem esquecer a sua dimensão social, histórica e política.

Por fim, é muito gratificante ver alunos e alunas experienciando a escrita de si, produzindo fotobiografias e microdocumentários. Olhar as ações e metodologias utilizadas em sala de aula e onde elas aparecem no trabalho dos alunos e das alunas.

Assim, tenho buscado viver o mundo universitário: criando espaços para a antropologia (áudio)visual, a escuta, o sentir.

Ainda temos muito trabalho pela frente. Nesse momento de intolerância e de profundos retrocessos quanto ao acesso a direitos fundamentais,

faz-se necessário promover a revalorização da educação, da ciência e da cultura, e recuperar o seu orçamento e seu valor transformador.

## Referências

BRUNO, Fabiana. Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: Imagens, palavras e montagens. *Tessituras*, Pelotas, v. 7, n. 2. jul./dez. 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, [S. l.], p. 206-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 20 mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-20.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

ERNAUX, Annie. *O lugar*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo. Ed. Fósforo, 2021.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Abingdon: Routledge, 2013.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. *Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens*, Goiás, v. 6, n. 1, maio 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 1 nov. 2022.



SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 2 jul. 2020.

## Caderno de imagens



### A Hora do Banho<sup>10</sup>

*Marcone Soares Da Costa Junior*

#### APRESENTAÇÃO

A Hora do Banho se configura como uma série de fotografias que documentam uma manhã em minha casa, especialmente a hora do banho de minha avó. Moram comigo minha mãe, meu irmão; no último ano, minha avó chegou. Nossa rotina de quarentena causada pela pandemia de

---

<sup>10</sup> O Ensaio fotográfico “a Hora do Banho” de Marcone Soares da Costa Junior, foi realizado na disciplina Cultura Brasileira.

covid-19 se divide em presenças on-line, seja em trabalho e estudos, e cuidados para com ela, Dona Arlene, a matriarca da família. A casa teve que se reconfigurar para recebê-la. O que era sala se dividiu com uma cortina, transformando-se em quarto. Foi colocada uma cama hospitalar onde era o sofá. A estante, que guardava nossos álbuns de fotografia em suas gavetas, agora guarda-roupas e fraldas geriátricas. Tudo se reorganizou. Nossa rotina não mudou apenas pelo coronavírus, mas também por uma grave crise de inflamação crônica que atinge os nervos dela. Nos primeiros meses, Arlene estava lá, na cama, completamente paralisada. Era muito diferente de como eu a via antes. Ela sempre foi uma pessoa extremamente ativa, e coincidentemente, enquanto o mundo parava por conta de um vírus, ela parava em sua casa por conta do seu próprio corpo. Seu corpo sempre foi motivo para seguir em frente. A liberdade dele. Ela já subvertia a lógica da ordem familiar 50 anos atrás, quando ainda textos acadêmicos feministas não tinham uma grande circulação facilitada, principalmente para uma jovem adulta analfabeta e de família pobre.

A potência desse corpo que me criou quando criança me motiva hoje. Sempre ouvi muitas histórias que a família contava sobre ela. Sobre sua vida irresponsável e vergonhosa para a instituição familiar. Pertencente a uma casa de nove irmãs e dois irmãos, pai violento e alcoólatra, e mãe que fazia o possível para cuidar de seus filhos com pouquíssimos recursos, minha avó casou-se cedo. Teve seu primeiro marido e filho com 17 anos. Separou-se do marido após uma tentativa de estupro, e deixou seu filho aos cuidados de sua família para conseguir emprego. Ela sempre lutou para ser dona de sua própria vida e de seu corpo; por vezes, muito mal interpretada pelas irmãs, por encontrar, neste corpo, possíveis caminhos para viver. Arlene trabalhou em bordéis e bares na antiga Ribeira, entre os anos 1970 e 1980. Diz que encontrou ali uma solução. Ela não se arrepende do que fez e relata que gostava. Gostava de ter o direito de fazer o que quisesse. De também poder perceber o seu corpo no mundo, sua potência. Mas não romantiza sua trajetória. Hoje escuto as histórias que me contaram a partir de sua perspectiva, e monto, em minha cabeça, a complexidade da jornada

de um corpo, principalmente quando ele não corresponde ao caminho que as convenções sociais desejam que sejam seguidas. Perceber essas histórias como relatos saídos da boca de quem me criou, e de quem sempre escutei de terceiros que não era responsável para tal feito, transforma minha compreensão dos modos de sentir o mundo.

O tempo cuidando intensivamente dessa senhora em minha casa permitiu aprofundar muito mais as nossas relações afetivas familiares, além dos papéis de cuidados serem trocados. Todas as manhãs do último ano são dedicadas ao banho. Toda a casa se movimenta para isso. Entre melhorias e pioras, minha avó já consegue andar, e boa parte dos movimentos de seus membros foram recuperados. Apesar disso, ainda precisa de apoio na hora de lavar seu corpo. É nesse momento, de limpeza, onde a água escorre e leva tudo, que ela se sente à vontade para contar mais histórias. Quando sem dor, é sempre um tempo descontraído. Entrega-se aos seus sentimentos e a suas emoções, e permite aproximação.

A série fotográfica captura esses momentos, especificamente no dia em que é noticiada a data de vacinação contra a covid-19 para pessoas de 69 anos, idade de minha avó. Uma alegria após a intensidade de acontecimentos e complicações dos últimos meses.

